

DE ALFERES A HERÓI DA INDEPENDÊNCIA: o processo de heroicização da personagem

José Francisco Brandão Galvão no romance *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro

Katrícia Costa Silva Soares de Souza Aguiar¹

RESUMO

Este estudo propõe investigar a representação literária da morte no romance *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, buscando entender seus desdobramentos na narrativa e seu caráter historiográfico e denunciativo, através da análise do processo de heroicização da personagem José Francisco Brandão. A escolha pela morte como chave interpretativa se deu por considerá-la uma ideia plurissignificativa, possibilitando que seu conceito seja trabalhado de maneira subjetiva e simbólica, congregando várias áreas do saber. Já a seleção pela personagem se deu ao observar que através de sua morte, o romance se inicia, desencadeando as ações que vão compor o enredo da narrativa, como também o processo de heroicização. E assim, nesse romance, a morte é apresentada como desencadeadora da história e criadora de heróis no enredo. Dessa maneira, não é sinônimo de fim, mas antes de começo e renascimento, pois vai além do rito de passagem do vivo para o mundo dos mortos, mas uma passagem dos mortos para outro patamar: o do heroísmo, transformando a vida do alferes, posicionando-o, socialmente, em um lugar de prestígio que não alcançou durante a vida. Intenta-se, enfim, discutir o fato do romance *Viva o povo brasileiro* impulsionar discussões a respeito do relativismo histórico e do fator de classes, proporcionando ao leitor um questionamento de até que ponto o que se assume como “verdade histórica” não contém, assim como a literatura, uma reinvenção.

Palavras-chave: Literatura; Morte; Heroísmo.

INTRODUÇÃO

Considerada a obra mais ousada e complexa do romancista João Ubaldo Ribeiro, não só pela extensão ou enredamento, mas por sua importância na história da Literatura brasileira, *Viva o povo brasileiro* mostrou que seria um sucesso com o público leitor desde a sua primeira edição, que saiu com dez mil volumes, esgotada em dias. O êxito na vendagem se repetiu com a segunda tiragem, na semana seguinte, ao findar rapidamente os vinte mil exemplares.

O contexto de escrita e publicação do romance foi 1984, ano em que o Brasil completava duas décadas sob o regime da Ditadura Militar, que se aproximava do fim, sendo, portanto, um período decisivo da transição democrática que começava a ser reimplantada no país. O sucesso do

¹ Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Viçosa – UFV. Bolsista Capes. Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus X*. E-mail: katriciasilva_@hotmail.com.

livro parece indicar uma sociedade ávida por uma produção como *Viva o povo brasileiro*, que ao problematizar questões fundamentais para se entender o Brasil, apresenta várias direções e perspectivas, em contraste com o governo da época, que oferecia – ou melhor, impunha – formulações e respostas fechadas, pouco convincentes e de único enfoque. Para o autor, seu romance despontou num período “em que o povo brasileiro estava assumindo a consciência de que o dono aqui é ele”².

No exterior, a repercussão e a aceitação da obra não foram diferentes. Quatro anos depois de ser lançada no Brasil, já havia sido publicada na Alemanha e logo em seguida nos Estados Unidos. A partir de então, continuou sendo reproduzida e reeditada em muitos países do mundo, reafirmando seu reconhecimento junto ao público. Acerca disso, Zilá Bernd e Francis Utéza evicenciam:

A grande importância de *Viva o povo brasileiro* e sua invulgar repercussão junto ao público leitor nacional e estrangeiro deriva das múltiplas possibilidades de leitura que oferece devido ao cruzamento de aportes culturais que se patenteia nessa obra: elementos próprios das tradições indígena e africana convergem com elementos característicos da tradição ocidental (inclusive com alguns oriundos do paganismo anterior ao cristianismo), estabelecendo, por vezes, diálogo intertextual (quase) explícito com livros fundamentais da herança judaico-cristã, bem como com textos de Homero, Sófocles e Shakespeare (BERN; UTÉZA, 2001, p.12)

Essas “múltiplas possibilidades de leituras” proporcionadas pela obra, além de convertê-la num sucesso do mercado editorial, a tornou muito felicitada também pela crítica literária, que desde o início, percebeu-se diante de uma obra ímpar, capaz de marcar a história da Literatura Brasileira. E assim, por ser um romance complexo e rico em temáticas e aspectos, *Viva o povo brasileiro* proporciona diversas leituras e análises; porém, este estudo propõe ater-se a realizar uma leitura da mesma tendo a morte como chave interpretativa, analisando o processo de heroicização da personagem José Francisco Brandão.

A morte, porém, não se constitui a temática central do romance ou um aspecto patente, podendo até passar despercebida numa leitura rasa ou ligeira, mas uma apreciação atenta da obra, como se pretende fazer aqui, busca torná-la perceptível como um elemento importante do texto literário, evidenciando sua potencialidade plurissignificativa.

² Entrevista de João Ubaldino Ribeiro concedida a revista *Gente*.

O HOMEM DIANTE DA MORTE

Convencionalmente, a morte tornou-se um dos pré-requisitos para alguém se tornar um herói. Para a maioria, o heroísmo só é alcançado após o óbito, e para alguns, a morte é capaz de transformar uma imagem negativa em positiva, beirando a perfeição e o divino. Seria a concepção popular de que para se tornar bom, basta o sujeito mudar ou morrer.

A consciência da morte, todavia, é uma habilidade exclusiva do homem, uma vez que ele é o único animal com consciência da sua limitação e finitude; o que faz da morte um dos maiores enigmas da existência humana. Entendê-la é uma tarefa que percorre a história da humanidade ao longo dos séculos. Na verdade,

A natureza da morte, bem como a própria realidade da morte e do morrer, têm sido consideradas como estando na base da cultura, remetendo para a estruturação da própria vida. [...] a morte modela o carácter e o significado das práticas e das relações sociais, refletindo a sua importância em todas as áreas da existência humana, da esfera pública à privada (HOWARTH; LEAMAN, 2004, p. XIII).

Talvez por essa razão, o tema morte impulse tantas reflexões em várias áreas do saber, estando presente nas ciências sociais e humanas, mas também nas ciências naturais e exatas. No campo das artes, e em especial da Literatura, é tema recorrente. Mas por ser responsável em pôr limites às experiências do homem, a maioria dos contemporâneos ocidentais ainda manifesta um repúdio ou recusa em encarar a morte, sendo considerada um tema tabu, cercado, muitas vezes, por eufemismos.

Numa perspectiva antropológica, o francês Robert Hertz evidencia que a morte destrói não apenas o indivíduo biológico, mas também a sua dimensão social; por isso a necessidade de realização dos rituais fúnebres como uma oportunidade para os vivos se reajustarem perante a perda que sofreram. Para o referido autor, refletir acerca da morte vai além de pensar sobre o corpo físico, pois “quando uma pessoa morre, a sociedade perde muito mais que um indivíduo, o seu próprio princípio de vida e a fé que ela tem em si própria são afetados” (HERTZ, 1970, p.7).

Na mesma esteira teórica de Hertz, inclusive citando-o em diversos momentos do seu texto, José Carlos Rodrigues, no livro *Tabu da morte*, também trata o tema morte pelo viés social, afirmando:

Portanto, a morte, sob o ângulo humano, não é apenas a destruição de um estado físico e biológico. Ela é também a de um ser em relação, um ser que interage. O vazio da morte é sentido primeiro como um vazio interacional. Não atinge somente os próximos, mas a



globalidade social em seu princípio (RODRIGUES, 2006, p. 20).

Assim, a morte lembra o fato de que o homem, além de um ser biológico, é também um ser social, que está em relação com os outros; seria ela mais que um acontecimento pessoal e individual, mas um acontecimento coletivo. Retomando esse assunto em outro livro, Rodrigues salienta que

A morte para a consciência coletiva representa o afastamento do indivíduo da convivência humana, esta exclusão, entretanto, tem um caráter temporário e tem por efeito fazer com que o morto passe da sociedade palpável dos vivos, para a sociedade invisível dos ancestrais. Como fenômeno social, a morte consiste na realização do penoso trabalho de desagregar o morto de um domínio e introduzi-lo em outro. A feitura desse trabalho exige toda uma desestruturação e uma reorganização das categorias mentais e dos padrões de relacionamento social (RODRIGUES, 1975, p. 52).

Hertz e Rodrigues têm como foco das suas discussões sobre a morte os rituais de passagem, bem como o tratamento e os cuidados dado ao corpo do morto em cerimônias, como o funeral, por exemplo. Mas pensando a morte de maneira simbólica, pode-se compreender que além de passar para outra dimensão, plano ou mundo, alguns indivíduos, através da morte, alcançam novo patamar social, tornam-se a personificação de um mito, de um ideal ou de um grupo social, passam a ser considerados heróis. Afinal,

Qualquer que seja forma, o herói se transforma em figura-símbolo da ordem conquistável e em realizador do desejo por união de todos aqueles que sofrem sob a maldição da dispersão e das dificuldades animais naturais (LURKER, 2003, p.312).

Essa seria, possivelmente, a autoridade da morte, que permite a um ser humano, cuja existência física é ceifada, alcançar uma vida póstuma e uma repercussão social e histórica capaz de perdurar ao tempo, tendo sua história contada e recontada por gerações. Isso porque, diante da morte, muitas vezes, ocorre a idealização e heroicização da figura do morto; e por consequência, a eternização da sua imagem e biografia, desencadeando mudanças históricas importantes na sociedade.

A MORTE COMO CRIADORA DE HERÓIS NO CONTEXTO BRASILEIRO

No cenário brasileiro, exemplos desse processo no qual a morte faz com que a imagem do morto passe pelo processo de heroicização não faltam. O de maior evidência, possivelmente, seja o caso de Getúlio Vargas, pois como ele mesmo disse na sua famosa carta-testamento: “dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História”. Através de sua



morte, depois de ter dado um tiro no próprio peito, em 24 de agosto de 1954, em seus aposentos no Palácio do Catete, Getúlio Vargas torna-se, não só o político brasileiro de maior prestígio popular e importância do século XX – apesar de todas as contradições que cercavam seu governo ditatorial –, mas um herói para as massas populares. O ‘pai dos pobres’ havia se transformado também em herói.

Na verdade, o suicídio de Vargas seria, possivelmente, consequência do assassinato, por engano, em 5 de agosto de 1954, do major da Aeronáutica Rubens Vaz, que, por meio de sua morte, foi elevado da condição de vítima à de herói, provocando mudanças relevantes no contexto social da época. O alvo dos tiros era o jornalista Carlos de Lacerda, que se destacava na luta contra o político ditador e se tornara a figura mais ostensiva da oposição. Mas, ao invés do atentado intimidar os opositores, teve efeito contrário, fez com que transformassem o major em um mártir da causa pela qual lutavam, um símbolo da violência do governo Vargas. E assim, a oposição ganhou força e espaço, culminando na queda e morte do presidente.

Outro exemplo, nesse sentido, é a morte do piloto brasileiro de Fórmula 1, Ayrton Senna, que após falecer em um acidente durante uma corrida do Grande Prêmio de San Marino de 1994, em Ímola, na Itália, torna-se um herói nacional de grande evidência, não só no Brasil, mas também a nível mundial, passando a ser conhecido como um dos mais admiráveis brasileiros no cenário dos esportes. Se ainda estivesse vivo, e, principalmente, se não tivesse morrido de maneira trágica no auge da carreira, Ayrton Senna teria o mesmo prestígio que possui hoje e seria considerado um herói? Esse questionamento poderia se aplicar em muitas outras figuras, brasileiras ou não, que depois da morte, têm sua vida heroicizada e eternizada na História.

Assim, considerar alguém um herói significa, de certo modo, possibilitar a perpetuação de sua vida, pois mesmo estando morto – condição quase *sine qua non* para o heroísmo –, continua, de alguma forma, vivo. Seria a continuação do morto no mundo dos vivos, apesar de sua morte; o que, em certa medida, concede a imortalidade, não física, mas simbólica, ao homem. Começa, a partir disso, a repercussão da imagem do herói, e por consequência, uma alteração social, pois realizada a heroicização, os homens começam a “trocar os nomes das ruas das cidades, praças e aeroportos pelo nome do falecido: é como se fosse para declarar que ele será imortalizado fisicamente na sociedade, apesar de sua morte física” (BECKER, 2007, p.151).

Nesse viés, a morte pode ter posto fim à existência corporal e física do indivíduo, mas sua imagem, história de vida e feitos ainda perduram ao longo do tempo. O óbito, nesse sentido, não

significaria o fim para o morto, mas a transformação da ideia que se tinha sobre ele, a sua própria transformação. Essa não se limita ao defunto, mas atinge também os vivos, tendo em vista que a morte, muitas vezes, desencadeia profundas mudanças sociais, alterando o cenário dos vivos.

Essas mudanças podem ser de grande proporção, como as transformações sociais e políticas mencionadas acima, alcançando as pessoas em geral, ou até mesmo mudanças individuais. Afinal, a vida dos filhos, do cônjuge, dos parentes e inclusive dos possíveis inimigos de um falecido muda diante da situação da morte, é preciso aprender a viver sem ele.

Contudo, se o morto for transformado em figura heroica, essas alterações pessoais se potencializam, pois enquanto filho, companheiro, familiar ou inimigo do então herói, será comumente citado, considerado e tratado com referência a ele. Como aconteceu com Getúlio Vargas, por exemplo, tendo em vista que a heroicização de uma figura que representava os movimentos de resistência ao seu governo, fez com que a oposição se fortalecesse, alterando, decisivamente, a vida pessoal e também política de Vargas; ou melhor, pondo fim a ambas.

Nesse sentido, Becker inclui a ideia da morte e do heroísmo numa estrutura teórica mais ampla. Para ele, ao ser estimulado pelo desejo do heroísmo, o homem reprime e nega o próprio medo da morte. Esse temor impulsionaria o que ele chama de desejo universal ao heroísmo, ou seja, tal receio seria incentivador da heroicidade.

Desenvolvendo seu ponto de vista, Becker salienta que “o heroísmo é, antes de qualquer coisa, um reflexo do terror da morte” (BECKER, 2007, p.25). De acordo com ele, um indivíduo se torna um herói porque enfrentou aquilo que o homem mais teme: a morte. Enfrentá-la não significa vencê-la ou evita-la, mas sim conhecê-la, defrontar o desconhecido. A esse respeito, o estudioso ressalta que

O que mais admiramos é a coragem de enfrentar a morte; damos a esse valor a nossa mais alta adoração; ele nos toca fundo em nossos corações, porque temos dúvida sobre até que ponto nós mesmos seríamos valentes (BECKER, 2007, p.26).

A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA MORTE

A morte também será elemento desencadeador de mudanças significativas no campo literário brasileiro. Mas dessa vez, não se trata de um político importante, de uma pessoa revolucionária ou de uma grande personalidade, mas de um homem que não realizou grandes feitos



durante a vida; e talvez por isso, tenha tentado alcançar alguma relevância depois de morto.

É o caso do célebre personagem machadiano Brás Cubas, que conta, escreve e reflete sobre a sua pouco admirável vida, num diálogo constante com o leitor, mesmo na condição de morto. Ou melhor, registra as suas memórias postumamente, pois como ele mesmo se autointitula desde o início da obra é “um defunto autor, para quem a campa foi outro berço” (ASSIS, 1994, p.2). Nessa condição, o narrador escreve as suas memórias com um humor amargo e uma ironia feroz, sem o compromisso com as pressões da sociedade e sem se preocupar com as aparências, diferente do fez a vida inteira. A morte, então, confere certa autoridade e liberdade ao defunto autor, que agora não está mais preso às convenções sociais.

Desse modo, através de sua morte, Brás Cubas nasce outra vez e continua vivo através da história que ele mesmo narra. Por conseguinte, outra história começa a ser escrita, que não são apenas as memórias póstumas do defunto-autor, mas também – e através dela –, um novo capítulo na historiografia da Literatura Brasileira. Isso porque *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é considerado o primeiro romance psicológico brasileiro, a obra que representa a ruptura com o Romantismo.

Com um personagem metafísico, que enquanto protagonista e narrador do enredo, exerce todas essas funções postumamente, Machado de Assis abre o Realismo no Brasil. Contudo, como não podia deixar de ser, o literato vai além, pois não só inaugura um movimento estético ao demonstrar um estilo realista em oposição ao Romantismo, como também confere um caráter modernista ao romance, ao romper com a estrutura linear tradicional que esse gênero possuía.

DE ALFERES A HERÓI DA INDEPENDÊNCIA: O PROCESSO DE HEROICIZAÇÃO DA PERSONAGEM JOSÉ FRANCISCO BRANDÃO GALVÃO

Na obra *Viva o povo brasileiro*, a morte se constitui como desencadeadora da narrativa. O romance começa narrando uma morte, a do então jovem alferes José Francisco Brandão Galvão, Lê-se nas linhas iniciais:

Contudo, nunca foi bem estabelecida a primeira encarnação do alferes José Francisco Brandão Galvão, agora em pé na brisa da Ponta das Baleias, pouco antes de receber contra o peito e a cabeça as bolinhas de pedra ou ferro disparadas pelas bombardetas portuguesas,

que daqui a pouco chegarão ao mar (RIBEIRO, 2007, p.27³).

Trata-se, portanto, de um jovem brasileiro assassinado pelos portugueses, que tentavam desembarcar com as suas tropas nas terras brasileiras, e conforme destaca o narrador do romance: “Tudo de nós queriam e nada davam em troca” (p.29).

Por ser um texto descontínuo e sem linearidade, o jovem José Francisco Brandão Galvão já é apresentado para o leitor como alferes. Apenas no decorrer da narrativa a sua trajetória de vida é contada. O soldado, na verdade,

Dos seus deveres de alferes nada conhecia, nem mesmo o que significava o posto, nem mesmo se era alferes. Suspeitava até que, para ser alferes, havia necessidade de alguma coisa mais que simplesmente o chamarem por esse título (p.30).

Contudo, após a sua morte, o alferes, que nunca havia “Feito qualquer coisa memorável” (p.27) e “Que custava a aprender coisas novas e das letras só conhecia as iniciais do apelido” (p.29), passa a ser reconhecido como um soldado brasileiro grandes feitos e de discursos importantes, “A morte lhe trouxe a glória e lhe emprestou o dom das belas palavras” (p.29). Finado e herói, tem sua história contada e recontada.

O alferes, então, vira símbolo da luta pela independência, é homenageado e condecorado. Ainda no seu enterro, “Já tinha o nome exaltado onde quer que houvesse revolucionários patriotas reunidos, já era evocado como exemplo de valentia e eloquência, já se tornava objeto de dissertação arroubadas e pugentes” (p.37).

Todavia, o jovem não morreu lutando ou em defesa da independência do Brasil, como se propagou depois, mas por ter sido o único que permaneceu no posto que designara para si próprio, por não perceber a chega das tropas portuguesas, não compreendendo a gravidade da situação e o perigo iminente.

Entretanto, através de sua morte, a figura do brasileiro passa pelo processo de heroicização. De um jovem alferes, que não sabia nem quais eram suas funções enquanto tal, transforma-se em um herói da luta pela independência, agora conhecido e reconhecido como um brasileiro valente e guerreiro em defesa de seu país.

A morte, assim, faz com que a imagem do morto seja transformada, ocorre a idealização e a heroicização da figura do mesmo; e por consequência, a eternização da sua imagem e biografia. A sua existência física chega ao fim, mas através do heroísmo, alcança uma vida póstuma através da

³ A partir daqui, as referências terão apenas a paginação, já que são todas da obra analisada.



repercussão social e histórica de sua trajetória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No romance *Viva o povo brasileiro*, a morte torna-se desencadeadora da narrativa e do heroísmo no enredo. Todavia, a obra vai mais além. Isso porque, é possível observar, pelo processo de heroicização analisado, que a morte estabelece uma relação com a realidade histórica do Brasil, não só para garantir a verossimilhança a narrativa, mas também para problematizar o passado histórico de violência da sociedade brasileira, tendo em vista que o herói da independência José Francisco Brandão Galvão nasceu pelo fruto da violência. Dessa maneira, pode-se inferir que na narrativa a morte constitui-se como forma de denúncia das relações de classes e dos conflitos sociais, fazendo com que a mesma tenha um caráter histórico mas também denunciativo.

Ademais, através dessa forma de representação literária da morte, João Ubaldo Ribeiro cria heróis para criticar a necessidade de se ter heróis, bem como o “mito” do heroísmo, uma vez que a imagem que se cria da figura heroica está de acordo com os interesses vigentes e não em conformidade com os fatos, vida ou trajetória do morto. Portanto, a morte, e por consequência o heroísmos, tornam-se indicativos das atitudes e comportamentos humanos.

E assim, tendo em vista que a morte é uma dimensão essencial e inerente à existência do ser humano – o que o particulariza como mortal, como a própria denominação dá a entender, uma vez que a consciência do estar vivo só é possível porque existe a consciência da morte –, discutir o tema seria, por consequência, discutir sobre o homem, sua existência, suas crenças e conflitos. Enfim, consistiria em discutir a história humana, e, portanto, um meio de aprofundar a compreensão sobre o homem e a própria vida.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, Coleção Obra Completa, Machado de Assis.

BECKER, Ernest. *A negação da morte*. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BERND, Zilá; UTÉZA, Francis. *O caminho do meio: uma leitura da obra de João Ubaldo Ribeiro*.



Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001.

HERTZ, Robert. Contribution à une étude sur la représentation collective de la mort. In: *Sociologie religieuse et folklore*. PUF, 1970.

HOWARTH, Glennys; LEAMAN, Oliver. (Coord.). Introdução. In: *Enciclopédia da morte e da arte de morrer*. Tradução de 100 folhas. Lisboa: Quimera, 2004.

LURKER, Manfred. *Dicionário de simbologia*. Tradução de Maria Krauss e Vera Barkow. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

_____. “Quem não morre fica velho”. Entrevista concedida a revista *Gente*, em comemoração aos seus setenta anos e do relançamento do romance *Viva o povo brasileiro*. Disponível em:

<http://www.terra.com.br/istoegente/edicoes>

/582/artigo190740-2.htm. Acessado em: 11 de ago. de 2016.

RODRIGUES, J. C. *Tabu da morte*. 2.ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

RODRIGUES, J. C. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.